

Revisão de Estrutura: Específicas

Tema 1 (PUC-Rio 2016):

No artigo *O país das mil faces*, Mario Vargas Llosa deixa transparecer a maneira como ele concebe o seu país. Ainda que se permita tecer algumas críticas em relação ao Peru, o escritor revela estar indissolúvelmente vinculado à sua terra natal.

Procurando estabelecer um diálogo com o escritor, produza um texto dissertativo-argumentativo — com cerca de 25 linhas — apresentando suas concepções sobre o Brasil. Seu texto deve, obrigatoriamente, RESUMIR e COMENTAR pelo menos algum trecho do artigo do escritor peruano seja para concordar com ele, seja para dele discordar no que diz respeito à ideia de nação acrescentando a devida referência. Além disso, pelo menos, uma das definições do conceito que aparecem nos textos da prova de Português e Literatura Brasileira deve ser inserida em sua redação, também com a inclusão do nome do seu autor. Dê ao seu texto um título que instigue a leitura.

A cidade onde nasci, Arequipa, no sul do Peru, em um vale dos Andes, foi famosa por seu espírito clerical e de revolta, por seus juristas e seus vulcões, a limpeza de seu céu, seus saborosos camarões e seu regionalismo. E também pela “nevada”, uma forma de neurose transitória que acomete os que nasceram ali. Um belo dia, o mais manso dos arequipanos para de responder aos cumprimentos, passa as horas de cara fechada, diz e comete os maiores disparates e por causa de uma simples divergência de opiniões, começa a ameaçar o seu melhor amigo. Ninguém estranha nem se irrita com isso, pois todos entendem que o sujeito está com a “nevada” e que no dia seguinte voltará a ser a pessoa inofensiva de sempre. Embora minha família tenha me levado dali com um ano de idade e eu nunca tenha voltado a morar na cidade, sempre me senti bastante arequipano, e também acredito que as piadas que correm sobre nós no Peru — dizem que somos arrogantes e até mesmo loucos — são fruto da inveja. Pois não somos nós os que falamos o castelhano mais castiço do país? E não somos nós que temos esse verdadeiro monumento arquitetônico que é o Santa Catalina, um convento onde chegaram a morar quinhentas mulheres na época da colônia? Não fomos nós o cenário dos mais grandiosos terremotos e da maior quantidade de revoluções da história peruana?

Como sempre acontece com as famílias estrangeiras, viver em outro país fez com que se reforçasse o nosso patriotismo. Até os dez anos de idade, eu tinha certeza de que ser peruano era o melhor dos destinos. A ideia que eu então fazia do Peru tinha mais a ver com o país dos incas e dos conquistadores do que com o Peru real. Este eu só vim a conhecer em 1946. A família se mudou para Piura, onde meu avô tinha sido nomeado prefeito. Viajamos por estradas de terra, com uma parada em Arequipa. Recordo-me da emoção que senti ao chegar à minha cidade natal. Lembro de minha excitação ao ver o mar pela primeira vez, em Camaná. Resmunguei e enchi tanto que meus avós concordaram em parar o automóvel para que eu pudesse dar uma mergulhada no mar daquela praia brava e selvagem. Meu batismo marítimo não foi muito bem sucedido porque fui picado por um caranguejo. Mesmo assim, o meu amor à primeira vista pelo litoral peruano se manteve.

Anos depois...

Parti para a Europa e não voltei a morar no meu país de forma permanente até 1974. Entre os vinte e dois anos, idade que tinha quando parti, e os trinta e oito, que completei em minha volta,

muitas coisas se passaram, e quando retornei eu era, em vários sentidos, uma pessoa totalmente diferente. Mas, no que se refere à relação como o meu país, acredito que continua a ser a mesma de minha adolescência. Uma relação que poderia ser definida com a ajuda de metáforas, mais do que de conceitos. O Peru é, para mim, uma espécie de doença incurável, e minha relação com ele é intensa, atritada, cheia daquela violência que caracteriza a paixão. O romancista Juan Carlos Onetti disse certa vez que a diferença entre mim e ele, como escritores, era que eu tinha com a literatura uma relação de matrimônio, e ele uma relação de adultério. Tenho a impressão de que minha relação com o Peru é mais adúltera do que conjugal. Ou seja: impregnada de suspeita, paixão e furor. Conscientemente, luto contra toda forma de “nacionalismo”, algo que me parece uma das grandes falhas humanas e que tem servido como álibi para os piores contrabandos. Mas não deixa de ser um fato que as coisas do meu país me deixam mais exasperado ou exaltado, e que o que nele acontece ou deixa de acontecer diz respeito a mim de uma maneira íntima e incontornável. É possível que, se fizesse um balanço, eu chegasse à conclusão de que, na hora de escrever, aquilo que do Peru se faz mais presente em mim são seus defeitos. E que também tenho sido um crítico severo, a ponto de cometer alguma injustiça, de tudo aquilo que o aflige. Mas creio que, sob essas críticas, reside uma solidariedade profunda. Embora já tenha me ocorrido odiar o Peru, esse ódio, como no verso de César Vallejo, foi sempre impregnado de ternura.

Lima, agosto de 1983

VARGAS LLOSA, Mario.

Saberes e utopias: visões da América Latina. trad. Bernardo Ajzenberg, Rio de Janeiro, Objetiva, 2010.

Tema 2 (UFRJ 2009):

Pensar ou agir de modo distinto do da maioria das pessoas pode ser visto como algo simplesmente diferente, ou como inadequação, ou até mesmo como loucura.

Considerando a afirmativa acima e os trechos abaixo, elabore um texto dissertativo-argumentativo em que você apresente suas reflexões a respeito do **olhar sobre a normalidade/anormalidade**.

“Dizem que sou louco
Por pensar assim
Se eu sou muito louco
Por eu ser feliz
Mais louco é quem me diz
Que não é feliz, não é feliz”

(BAPTISTA, Arnaldo & LEE, Rita. “Balada do louco”. www.ritalee.com.br)

“Normalidade é a habilidade para se adaptar ao mundo exterior com satisfação e para dominar a tarefa de culturação.”

(MENINGER, K. In: Ballone GJ - *Diagnóstico Psiquiátrico* - in. *PsiquWeb, Internet, disponível em www.psiqweb.med.br, revisto em 2005*)

LOUCURA

“A loucura é diagnosticada pelos sãos, que não se submetem a diagnóstico. Há um limite em que a razão deixa de ser razão, e a loucura ainda é razoável.”

LUCIDEZ

“Somos lúcidos na medida em que perdemos a riqueza de imaginação.”

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Prosa seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p. 928)

Orientações

1. Evite copiar passagens dos fragmentos apresentados.
2. Redija seu texto **em prosa**, de acordo com a **norma culta escrita** da língua.
3. Redija um texto **de 25 a 30 linhas**.
4. Não se esqueça de atribuir um **título** a seu texto.